

E se o methodo é tão difficil assim, o que cumpre é entendel-o e aprendel-o. Ou quem sabe, sempre que a verdade foi complexa, é de preceito que prevaleça o erro?

Mas, será, de facto, o methodo intuitivo-analytico assim tão difficultoso que só predestinados possam comprehendel-o e applical-o?

Sim e não.

Aos que ignoram as leis da intelligencia humana, as leis do phenomeno com que se adquirem directamente os conhecimentos, o methodo que nellas se baseia, que dellas emane, lhes ha de ser, sem remedio, escuros segredos indecifráveis. Quando se ignora, tudo é enigma, tudo é embaraço; a menor difficultade é mysterio; onde tudo é claro e transparente, só ha negrume e opacidade.

Mas, certamente, a objecção não se refere aos leigos, aos ignorantes. A difficultade allegada é, sem duvida, mesmo para quem sabem do seu officio.

Nesta hypothese, o methodo não é difficultoso. E' só aprendel-o para o vêr. As leis da psychologia não são monopolio de ninguem, nem se esmaecem na imprecisão das obras apenas esboçadas. Hoje em dia, grande parte da psychologia tem o rigor preciso das sciencias positivas. As leis que ditam o methodo verdadeiro, são claras e inequivocas, como as leis da chimica. Procuremos aprendel-as, e, então, haveremos de nos vencer da facilidade, da naturalidade e da efficiencia espantosa da intuição-analytica.

Não as conhecendo, porém, nitidamente, não ha duvida ser o methodo que dellas emana, um artificio inintelligivel. E' o que succede ás mais das vezes. Os estudos de psychologia são recentes em nossas escolas normaes. Numerosos professores não estão ao par da psychologia da creança. Quando muito, uma ou outra noção empirica, sem assimilação scientifica. E', pois, natural que não saibam todos o que venha a ser, exactamente, o methodo intuitivo-analytico. E, dahi, a illusão de ser elle difficultoso, como technica mysteriosa, quasi de bruxaria, para raros iniciados ou nigromanticos.

Teve elle, por outro lado, a má sina de passar a obrigatorio em circulares officiaes. A obrigatoriedade official lhe foi um presente de grego. Grande erro! Primeiro, porque ainda os estudos da psychologia não estavam aclimados entre nós, como ainda hoje succede. Sem a base da psychologia, nenhum methodo poderá ser determinado scientificamente. Sem o conhecimento exacto do methodo, ninguem o póde applicar com inteireza.

Como forçar inscientes a realizar o que não sabem? Segundo, porque a obrigatoriedade official em materia de sciencia, o crê ou morre em fé scientifica, sobre ser um recuo á intolerancia impiedosa e a tempos selvagens, provoca, entre pessoas dignas, justa reacção. Dahi, certa má vontade instinctiva, cavalgando o methodo, preocupada em apupal-o, absolvida em arruinal-o, obcecada em destruil-o.

Restitua-se-lhe, porém, naturalidade e espontaneidade; ensine-se a psychologia como base da pedagogia; ensine-se, na pedagogia, a sciencia do methodo; e habilitem-se os normalistas, durante alguns annos, a realizar o methodo, como os estudantes de medicina a praticar nos hospitaes, e os segredos do methodo lhes serão conhecidos, como os da therapeutica aos clinicos.

A segunda parte da objecção, dogmatiza. Onde a prova de que só predestinados possam manejar bem o methodo intuitivo-analytico? O que verdadeiramente se exige é conhecer o professor as normas do seu officio. Não ha duvida que, como para todas as profissões, ha, no magisterio, os que têm geito, e os que estão deslocados. E' o que succede na agricultura, no commercio, na clinica, na advocacia, nas artes, em tudo.

Mas, não ha especialmente para o magisterio, e, mais restrictamente, para applicar certo methodo no ensino da leitura, um privilegio, um dom, uma bençam, uma graça de eleitos. A vocação no magisterio é como a vocação nas outras profissões. As qualidades personalissimas para applicar certo methodo são pura phantasia, devaneio e ficção; o que se verifica, de facto, é haver, no magisterio como em toda a parte, os que erraram a vocação, e devem por isto arrepiar a carreira.

Aquelles a quem falta o *personalismo*, são, em verdade, os que ignoram o methodo, ou não tem geito nenhum para o magisterio.

Não é tanto culpa dos professores. Mas ao certo das escolas normaes, cuja organização defeituosa, como escolas secundarias em vez de principalmente profissionaes, não os habilita sufficientemente na technica do ensino.

Ventilemos, em seguida, os *resultados precarios* que attribuem ao methodo.

Objecção n.º 5

Mesmo applicado em toda a sua pureza, os resultados praticos do methodo analytico são mediocres. Será, talvez, admiravel no ensino individual, ou, mesmo, em classes pequenas.

Mas, em classes numerosas, como são as das nossas escolas, os seus fructos são precarios. Prova decisiva temos da mediocridade dos seus resultados na coincidência, entre nós, da divulgação e obrigatoriedade do methodo como o decrescimento da alphabetização nas escolas. "A pratica desmente a excellencia da theoria."

Replica

Acceitemos esta coincidência. Mas ainda, acceitemos haver nella não, apenas, uma relação de casualidade, mas uma relação de causalidade. O decrescimento da alphabetização, ou, mais exactamente, a queda de porcentagem das promoções nas escolas, não se filia a outro nenhum facto. Nem mesmo dos mais conhecidos, como a obcessão, em numerosos professores, de reterem os alumnos em suas classes, para que, com o numero legal, assim obtido, de alumnos só de 9 e 10 annos, não se vissem arremessados por decreto a sitios incommodos ou inhabitaveis. A causa do decrescimo de promoção nas escolas tem sido, admittamos, a divulgação e a obrigatoriedade do methodo analytic.

O assumpto é melindroso; mas, sejamos francos. Não se trata aqui, de interesses subalternos; não ha pessoas em jogo. Trata-se de aquilatar factos sociaes, interpretar estatistica, para base de conclusões praticas, que muito interessam á civilização nacional.

Que é o que se anda, em regra, a praticar com o rotulo de methodo analytic? E' o methodo na inteireza dos seus principios?

Positivamente, não. Na pureza e inteireza dos seus principios, contam-se quasi por unidades os que o applicam. Não ha nisto censura, nem sequer estranheza. As escolas normaes não eram, e, ainda hoje, não são como devem ser, escolas profissionais. Ha pouco mais de dez annos, é que nellas se introduziram os estudos de psychologia, e estes, durante algum tempo, em algumas escolas, cifravam-se quasi só ao estudo do systema nervoso, e só de pouco tempo a esta parte, vão sendo definidos, normalizados, collocados em termos justos e necessarios. Ora, não havia de ser em taes escolas, que se apuraria a proficiencia technica do methodo. Os professores que nellas se formavam, teriam de aprender depois. Mas, com quem? Com autodidatas. Todos os erros, todos os desvios, todos os desgeitos

haviam de ser imitados. Dos autodidatas, dos empiricos, um ou outro director de grupo, um ou outro inspector escolar, saberiam exactamente o methodo intuitivo-analytico em termos de os ensinar bem.

Nesta situação de deficiencia technica, tornaram obrigatorio o methodo analytic. Além da revolta, intima e abafada, que esta obrigatoriedade suscitou muito dignamente, o methodo analytic, com raras excepções, passou a ser applicado por quem lhe desconhecia a technica, por quem d'elle mal havia umas tinturas ligeiras. Dahi, o estropiamento geral do methodo.

E é deste malamanho pratico, arvorado em pureza technica, que se decide de sua eficiencia real! As consequencias do erro se hão de attribuir, em boa justiça, á verdade! Pelos resultados da macaqueação do methodo, ha de responder o methodo na sua legitimidade scientifica. Eis o que querem.

Se se quizer, porem, ajuizar da eficiencia do methodo, observe-se uma classe, ou as classes superintendidas por quem é mestre devéras no methodo. Por exemplo: as classes dirigidas pelo professor Theodoro de Moraes, ou Benedicto Tolosa. Apesar de alguns desconcertos, registrar-se-ha a maravilha dos resultados que elles obtêm. Generalize-se o facto: por toda parte sabem o methodo, e o applicam sem falhas, e digam, depois disso, se são mediocres os seus resultados.

Mas, accrescentam, memo que ensine bem a lêr, é moroso. Ora, examinemos tambem o que vale esta allegação.

Objecção n.º 6

O methodo intuitivo-analytico é por demais moroso. Por outro qualquer processo, se ensina a lêr em menos tempo. Empenhado, como anda o Brasil, em desalphabetizar o povo, não se comprehende o desprezo do caminho mais rapido para o alcance dos fins por que aneia.

Replica

Ora, vejamos o que ha de verdade nesta objecção.

Será incontestavel que a intuição-analytica demore mais que o necessario para o ensino da leitura?

Depende.

Se o methodo for mal applicado, demora. Mas, em rigor, estropiado, deixa de ser o que é. Não se póde argumentar com

abusos. A má applicação do methodo, por não o terem comprehendido, ou por abandono da sua technica, é a aza negra do proprio methodo. Por conta delle, não póde correr, em sã justiça, a morosidade que se verifique.

Se, porém, for bem applicado, se for elle mesmo nos 4 principios que o definem, a sua lentidão é uma lenda. Senão vejamos.

Que se entende por vagar, lentidão, morosidade, de que se acoime o methodo?

E' a demasia do tempo consumido no apprendizado da leitura. E' o tempo que excede ao tempo justo, a um certo *optimo* de tempo.

Mas, qual será este *optimo*, esse tempo necessario, esse tempo justo, cujo excedente é a demasia de que taxam a intuição-analytica no ensino da leitura?

O tempo *optimo* deve ser o minimo de tempo médio gasto em attingir a finalidade do apprendizado da leitura. Não ha de ser o tempo dispendido em habilitar a creança a articular em sons a representação graphica das palavras, e mais nada. Isto não seria ensinar a lêr. Ensinar a lêr é habilitar a entender as palavras—formas, como entende as palavras—sons, entender pelos olhos como entende pelos ouvidos.

Se, apenas, pronunciar ao certo palavras sem sentido fosse o fim do aprender a lêr, quem não entendesse lendo, teria attingido o fim do apprendizado da leitura, isto é, saberia lêr, quando se sabe que o fim do aprender a lêr é entender as palavras pelos olhos, como as entende pelos ouvidos. Sem duvida, quem aprende a lêr entendendo, tambem fica sabendo articular em sons seja qual for a palavra, mesmo as cujo sentido ignore. Mas não é porque esta habilitação se alcance de passagem, que se haja, com desrespeito ás leis da linguagem, de ensinar a lêr sem a associação das palavras com a representação mental das realidades que ellas apontam.

Em resumo: o tempo *optimo*, de cujos excessos póde ser accusado um methodo de ensino, é o tempo minimo gasto em ensinar a lêr entendendo. Assentado este criterio, facil é tirar a limpo a objecção.

O methodo intuitivo-analytico é moroso, em confronto com os não intuitivos-analyticos, ou discursivos, que são breves. E' este o alcance integral da objecção.

Mas a pratica de todos os dias em toda parte lhe é o mais formal desmentido. Andam illudidos os objectores e

sophismam, quando comparam o tempo desperdiçado em habilitar a creança a articular em sons as palavras que olham, independente de entendel-as, com o tempo despendido em habilitar a creança a entender as palavras que olhe, como as entende quando as ouve. Nesse terreno, o b-a-bá anda mais depressa.

Mas, se compararmos, como nos cumpre, o tempo gasto em habilitar a lêr entendendo sempre, do começo ao fim, com o tempo consumido em proferir palavras vistas, sem entendel-as, sommado ao tempo subsequente, para lograr o entendimento, então, é pelo methodo intuitivo-analytico que se anda mais depressa. Quem aprende a lêr, sem a associação constante, immediata da visão das palavras com as significações respectivas, se vicia já pronunciando mal, já lendo sem entender, como phenomeno habitual, e terá de levar não se sabe quanto tempo posterior em se desviciar destas mazellas imperdoaveis. Só depois, é que alcança o fim verdadeiro do ensinar a lêr.

Ao cabo, o gasto de tempo não é nada, quando não é perdido. Para entender sempre, por não se viciar, só anda depressa o ensino pela intuição analytica. Para articular sem entender, por viciar na decoraçáo, louvores sejam dados aos processos phonicos.

Attente-se, com animo desprevenido, na missão da escola primaria. Tem de ensinar a ler como tarefa magna.

Mas ler não é articular, sem entender, palavras olhadas. E' entender palavras que se olhem, como as entende, ouvindo-as.

Pois, as escolas primarias, por mais modesta, tem o curso de dois annos. Porque, então, o afobamento, a pressa vertiginosas de ensinar em tres mezes, e a articular palavras sem sentido? Mil vezes preferivel levar seis mezes, um anno ou mais a aprender a ler de verdade, aprendendo a articular, como fluencia e expressão, palavras vistas que se entendam, do que o corre-corre allucinado de articular mal, sem entender, palavras vistas, em quinze dias, e, depois, a carga penosa de mezes e mezes a fio para se desviciar, para entender, para ler de verdade corrente e expressivamente.

E' o privilegio do methodo intuitivo-analytico.

Entre a agua chilra dos processos discursivos, e a agua crystalina dos processos intuitivos, não se pode vacillar.

A objecção, pois, sophisma.

E não menos a setima sobre o personalismo do professor, como condição essencial á eficiencia do methodo.

Tiremos a limpo.

Objecção n.º 7

Em materia de methodo analytic, cada cabeça cada sentença. Ninguém se entende. Não ha fonte a que se recorra sem riscos. Os seus partidarios se desaveem na concepção do que elle é, ora praticos, ora theoreticos. Aquelles se acotovelam num amontoado cahotico de factos, e estes forjam de algumas leis theorias que não derivam dos factos, mas a que os factos se hão de amoldar. Nuns e noutros, a mesma falta de espirito scientifico.

Replica

Certo, ha divergencias na concepção do methodo, e maiores ainda na sua applicação. Explicam estas divergencias não só a difficuldade extrema da pedagogia, como tambem a exiguidade dos seus cultores.

Mas dahi? Será que a variedade na concepção do methodo prove ser o phoneticismo e o b—a—bá a limpidez da verdade? Ou, mesmo, que os erros de opinião annullem o character scientifico ás doutrinas? Neste caso, o direito não seria uma sciencia. Muito menos a sociologia. Talvez nem a mathematica possa escapar a divergencias. Nem mesmo a Sciencia.

Com o tempo e o concurso dos seus cultores, a pedagogia se irá precisando, e as divergencias se irão impossibilitando.

Não é verdade que a verdadeira theoria do methodo contravenha os factos. As leis de que ella decorre, são expressões de factos. Senão vejamos.

Primeiro, o supremo de que só ha methodo onde houver obediencia á natureza humana. Ora, no caso, a expressão desta natureza, são as leis da intuição e da analyse. Estas leis não são meras hypotheses. Suppol-o é ignorar razamente os rudimentos da psychologia. São expressões fieis de factos, universaes no espaço, no tempo e nos objectos.

Segundo, o principio de que a missão do professor é encaminhar a actividade do alumno, que observa.

Terceiro, as características da psychologia infantil. Será que estas características sejam phantasias? Ou, pelo contrario, exprimem realidades observaveis por quem quer que seja?

A theoria do methodo intuitivo-analytico se estructura destes principios. Logo, ella é que consulta os factos, deriva dos factos. Se outros factos ha que se tenham de amoldar a ella, é que taes factos só existem na cabeça dos que não querem ver.

E' interessante como reivindicam sem direito o apoio de factos contra os factos reaes. Os methodos não intuitivos é que não se entendem. Elles é que andam uns com os outros a jogar as cristas. Enchendo a boca de factos, elles são a antinomia do verdadeiro espirito scientifico.

Vá lá tambem esta objecção insignificante, sobre a denominação de *analytico* que usurpa a do *inductivo*.

Objecção n.º 8

E' impropria a denominação de *analytico* ao methodo, porque ella importa em confundir a *analyse* com a *inducção*, e, pois, melhor será denominal-o *inductivo*.

Replica

Já explicamos o porque preferimos a denominação de *intuição analytica* á de *methodo analytic*.

Mas discordamos de que seja improprio o adjectivo *analytico* para lhe traçar um dos seus caracteristicos essenciaes.

A nosso vêr, a *analyse psychica* não se confunde com a *inducção psychica*, logica, ou não. A *inducção* é mais comprehensiva que a *analyse*, contém a *analyse* e mais alguma cousa. Por outro lado, *analyse* é mais extensa que a *inducção*, porque participa não só da *inducção*, como da percepção, da imaginação, da linguagem e de outras operações do espirito. *Analyse* é uma cousa; *inducção*, outra. A *inducção* envolve observação, *analyse* e juizo. E o elemento especifico da inferencia nem sequer é a *analyse*, mas o juizo, a consciencia, a crença, a affirmação mental da coexistencia necessaria dos attributos que se analysam.

Não é, aqui, logar opportuno para se desenvolver essa these, Mas a verdade que ahi se annuncia, é sabidissima em psychologia e em logica. A *inducção* é mais comprehensiva que a *analyse*. Está para ella como uma *somma* para uma das suas parcelas. Logo, não se confundem. E, se não se confundem, a qualificação de *analytico*, em virtude das leis da *analyse*, não póde ser substituida, com justeza, pela de *inductivo*, que não a equivale, e porque não ha, no methodo didactico, *inducção logica*. A *inducção* só existe nos methodos logicos, e methodo didactico não é a mesma cousa que methodo logico, já pela diversidade dos objectivos que visam, já pelas actividades humanas que modelam, e, até, pelas circumstancias que as envolvem.

Mas, afinal, qual será o melhor methodo? Appareça aqui, o melhor, como cheque mate. E' a

Objecção n.º 9

“O melhor meio para o ensino da leitura, diz um dos adversarios do methodo intuitivo-analytico, é o *ensinar a escrever*”— por isto que é o conhecimento de um systema de escripta, o que se tem realmente de ensinar no apprendizado da leitura. O criterio que decide, é sempre *a relação dos sons syllabicos com a respectiva graphia*.

Replica

Mas, a simultaneidade do ensinar a escrever com o ensinar a lêr não é nem pôde ser processo que contravenha á intuição analytica.

Em verdade, o desenho pôde e deve proceder á escripta. A escripta acompanha a leitura. O alumno sabe o que vae lêr, vê, articula, ouve e escreve palavras. Mercê da consciencia conjuncta, que recebe, de entender, de olhar, de articular, de ouvir e de escrever palavras, todas as partes destas se associam num todo organico como deve ser.

Mas, que tem a simultaneidade da escripta e da leitura, com a verdade e a falsidade do methodo intuitivo-analytico?

Escrevendo-se, aprende-se a lêr, é certo. Mas, no proprio aprender a escrever, não se podem violar as leis da percepção infantil. Ter-se-ha de seguir o methodo que ellas pautem. Não se ha de começar, por exemplo, copiando traços, letras e syllabas. Mas, com exercicios mecanicos para a boa movimentação do braço, depois de exercicios de desenhos, numa como recapitulação abreviada da evolução humana, a creança terá de copiar sentenças que entende, e vae lendo. A' medida que se lhe vão analysando mentalmente as sentenças, pôde ir escrevendo, tambem, se quizer, syllabas e letras. O methodo intuitivo-analytico subsiste no ensinar a escrever. O methodo é sempre o mesmo, sejam quaes forem os processos e modalidades no applical-o.

Não é, pois, porque se aprenda a lêr aprendendo a escrever que o ensinar a lêr pelo ensino da escripta deva ser o substituto logico, idoneo, necessario, do methodo intuitivo-analytico no ensino da leitura.

Liquidemos, afinal, com este ról de objecções. A ultima das enumeradas é a da propriedade ou impropriedade do methodo com o phoneticismo ou imphoneticismo da escripta. Ouçamos attentamente a

Objecção n.º 10

No idioma inglez, o mesmo som se grapha de varios modos e de maneiras differentes se pronuncia a mesma graphia. E' “um impossivel, frequentemente, achar o párallelismo das syllabas oraes com as syllabas graphicas”. E' “um impossivel, pelo conhecimento dos elementos graphicos, aprender a relação phonetica entre a graphia e o som representado”. Para remover tão sérios embaraços — *embaraços que não nos são absolutamente communs* — os norte-americanos lançaram mão do methodo analytico já bem definido por Jacotot, no começo do seculo passado. E nós, sem os embaraços que o justificam, importámos da America do Norte o methodo analytico, creando, no mesmo passo, ogerisa ao phoneticismo, que vae tão bem com a indole da nossa lingua. De sorte que o methodo analytico é, entre nós, planta exotica, que, só com o calor da estufa official, se mantem, e, ainda assim, mirrada, sem flores e sem fructos.

Replica

Dois lamentaveis erros constituem esta objecção: o primeiro é o antagonismo entre o inglez e o portuguez, por não existir naquelle, “párallelismo das syllabas oraes com as syllabas graphicas”. E o segundo é ser, aqui, o fundamento do methodo analytico ou intuitivo-analytico, a importação norte-americana.

Appliquemos o quebra-noz do bom-senso á crosta destes dois sophismas.

Não ha duvida que, no inglez, serias são as difficuldades de pronuncia e de graphia. O inglez não tem orthographia phonetica, que seria, por toda a parte, um grande ideal.

Mas, será que o portuguez a tenha?

E' sabido que não. Tambem, no idioma patrio, nem sempre as syllabas oraes correspondem ás syllabas graphicas. Na lingua portugueza, o mesmo som se grapha differentemente, e a mesma graphia se pronuncia de varios modos. Por exemplo: falar e *phosphoro*; *tedio* e *theatro*; *olho* e *olhos*; *chimica* e